

cho

Leandro Gomes de Barros

A MULHER E O IMPOSTO

Decima de um portuguez
a sua namorada

Historia de João da Cruz

(Continuação)

(2.^o VOLUME)



A VENDA

Recife—Rua do Alecrim n. 38 E

— 1911 —

Stac hel e Biblioteca de Barros

Rachel Oliveira
de Barros Lima



A MULHER E O IMPOSTO



O mundo valia pena
A terra fazia gosto
Se apparecesse uma herva
Com que matasse o imposto
Se o homem não precisasse
De olhos e dente supposto.

Se a mulher nascesse calva
Era uma grande façanha,
Havia uma economia
Em pente oleo e em banha
E ella sendo pellada
Talvez não tivesse manha.

Se o homem quando nascesse
Fosse calçado e vestido,
Se o feijão que se plantasse
Botasse logo cosido
Com carne, toucinho, verdura,
Estava o mundo garantido.

Se tudo que é necessario
Se tivesse a cada instante,
Se tivesse sem comprar,
Carne, pão, assim por diante,
Nascesse bife em roçado,
Carne guizada em vasante.

Se o milho em vez da espiga
Botasse logo pipoca,
Cuscús, angú, munguzá,
Nelle ouvesse café moka,
Se se plantasse a maniva
E nascesse tapioca.

Se ás 6 horas da manhã
Chovesse leite de vacca
Houvesse um rio de aguardente,
Daquella mesmo que ataca
Dormia o mundo n'um porre
Acordava na resssaca.

Se o governo nos pagasse
Para nós negociar,
Desse dinheiro aos freguezes
E mandasse nos comprar
E não tivesse uma lei
Para o imposto cobrar.

Se quando o homem cazasse
A mãe da mulher morresse

Se a velhice se acabasse,
A molestia adoecesse,
A mocidade voltasse,
A morte de nós corresse.

Se a mulher fosse uma cousa
Que nunca mais se acabasse,
Não ficasse velha e feia,
Todo tempo renovasse,
Fosse igualmente a canna
Que se corta e ella nasce.

Mas o Eterno sabendo
O que podia surtir,
Pois a mulher renascendo
Podia a sogra sahir
E se desgraçava um genro
A sogra tornando a vir.

Porque o casal com sogra
Nunca pode viver bem,
A sogra põe-se a catar
As faltas que o genro tem,
Planta ciume na filha
D'ahi a desgraça vem.

Manda a filha lhe pedir
O que não pode dar,
Diz-lhe, se faça doente
Para poder passeiar

Você só dentro de casa
O que é que pode gosar?

Os homem casados de hoje
Só querem é vadiar,
A mulher pede uma cousa,
Diz: eu não posso comprar,
Uma «bicha» lhe pedindo
Elle não ha de negar.

Botar isso na cabeça
De quem já é bem passada,
Ensinar uma lição
Que ella já tem decorada,
Depois de dous ou tres annos
Como não está afiada?

Se o homem trabalha longe
Sae logo de madrugada,
Ella inda fica dormindo
Em boa cama deitada,
Se levanta ás 8 horas
E diz que está enfadada.

Elle sahiu muito cedo,
Só vem em caza uma vez,
Ella acorda muito tarde
E diz com estupidez:
O diabo do malandro
Sahiu nem o fogo fez.

As cinco horas da tarde
Volta elle do roçado,
Trabalhou lá todo dia
Chega com fome e cansado
Encontra ella n'um canto
Como um touro aperriado.

Elle pergunta mulher
A janta está prompta ou não?
Ella pergunta, você
Deixou-me lenha ou carvão
De onde eu tirava agua
Para cozinhar feijão.

Você sae de madrugada
Me deixou aqui doente
Com muita dor de cabeça,
Me doendo até um dente,
Entende que uma mulher
E' de ferro ou dormente.

Mas não contou ao marido
Que assim que se levantou
Foi para casa do visinho
Saber do que se passou
Em fallar da vida alheia
O dia todo levou.

Em vez de cuidar na janta
Para o marido jantar

Entra logo para o quarto
E pega a se lastimar
Vae elle para a cosinha
Se a noite quizer ceiar

Um desgraçado que casa-se
Para descansar da lida
Ter casa, viver em paz,
Gosar um pouquinho da vida
Encontra uma cobra dessa,
Essa existencia é perdida.

E se chegar-lhe um bebé
Desses chamado de raça,
Quando nasce já encontra
Cama, roupa, leite e massa,
Ahi é que o camarada
Vê a neta da desgraça.

Pois elle chega chorando
Sem querer nada acceitar
Para comer o que guardou-se
E' preciso se rogar
Isto assim é que é canudo
Triste de quem o levar.

Nada faz na agricultura
Pensa em botar um negocio,
O governo diz-lhe logo :
Eu sou o primeiro socio

Porque o sabido come
E' a custa do beocio.

Antes de botar negocio
Precisa está alerta
E' necessaria tirar
Licença de porta aberta
E pagar aferição
E esperar pela collecta.

Já pagou portas aberta
Pagou mais aferição
Pagou a limpeza publica,
Paga mais a revisão,
Inda é preciso pagar
Industria de profissão.

Dá o que o fiscal pedir,
Se não por nada é multado
Se intriga com o freguez
Que não vender-lhe fiado
Faça o pobre o que fizer
Está sempre desarrumado.

Pois o homem quando nasce
Traz logo a perseguição,
Toma a mulher como cruz
Para mais condemnação
Cae nas unhas de uma sogra
Que é peor do que dragão.

Comprimentou-o dizendo :
Bem vindo sejas João.

Fitava bem para elle
Como quem examinava,
Olhando bem para elle,
Nada alli balbuciava,
Não tirava olhos d'elle
Como quem o retractava.

João da Cruz lhe perguntou :
Quem és que ahi te conserva
Que campo é esse tão feio
Que n'elle não tem nem relvas.
Respondeu, isso é um reino,
Eu sou o principe das trevas.

A vinte annos completos,
Tu és de mim conhecido
Foi eu quem primeiro viu-te
Quando tu foste nascido,
Sou testemunha de tudo
Que contigo tem havido.

Podem fazeres tres horas,
Eu estava presenciando,
Uns conselhos muito atôa
Que tua mãe estava te dando,
Tú sahistes até sorrindo
E ella ficou chorando.

Aquelles conselhos d'ella
Obras bem não os tomar,
Porque só deves fazer
O que a mente lhe dictar
Não és creança, nem louco,
Não tens o que consultar.

Então disse o individuo,
Existe Deus é verdade,
Não como diz tua mãe,
Que elle é de tanta bondade,
A onde tiver orgulho
Não pode haver caridade.

E as cousas desse mundo
Já não tens observado ?
Um que nasce tão feliz,
E outro tão desgraçado,
Porque abandona um
E o outro é amparado ?

Pois se esse Deus fosse bom
Nasceria tudo igual,
Como um nasceu para o bem
E o outro para o mal,
Então a misericordia
Não é para tudo em geral.

Disse-lhe ahi o tal principe
Vem ver meu jardim,

Abriu o portão e disse :
Segue aqui atraz de mim,
Vou te mostrar minha corte
Do principio até o fim.

E seguiu o João da Cruz,
O tal principe ia na frente,
Passaram por salão
Muito escuro e muito quente,
João da Cruz repugnava
Aquillo amargosamente.

La fundo uma estúfa
Se ouviu gente gemer,
Rangir dentes plasphemar,
Avançar para morder,
Dá urros que reboava,
Fazia terra tremer.

Lá no fundo de outro carcere
Viu quando um vulto se ergueu
Arrenegando do pai
E da mãe que o concebeu,
Até da Virgem Maria,
Nisso o sitio estremeceu.

João da Cruz no sonho, disse :
Eu quero voltar d'aqui,
O tal principe lhe dizia
Demore-se um pouco ahi

Se quizer ver uma scena,
Temos um theatro ali.

O theatro era uma jaula
Com grande profundidade,
Tinha um esqueleto vivo
Que causava piedade
Chupando carvão acceso
Para ver se achava humidade.

Com grande chama na bocca
Em soluços se afogava,
Soltava urros medonhos
Os dentes em si cravava
Fitando os olhos de fogo,
Depois cahia e uivava.

João da Cruz no sonho disse :
Existe Deus em verdade,
Minha mãe bem que me diz :
Que embora cedo ou tarde
Eu hei de ter uma prova
Da suprema divindade.

E sahiu d'ali dizendo,
Que casa amaldiçoada,
Que habitação horrorosa
Nojenta e mal collocada
Olhando ao lado direito
Avistou outra morada.

Ahi elle olhando bem
Observou até mais
Uma placa de metal
Com lettras especiaes
Então as lettras diziam
Rei dos reis, pai dos pais.

Dizia elle no sonho
Vou ver aquelle logar
Quando nada olho de perto
Inda não podendo entrar
Tornou a ver a mulher
Que viu no primeiro logar.

Perguntou-lhe João da Cruz
Que grande casa era aquella
Disse-lhe a mulher meu filho
Aqnella casa é tão bella
Que val mais que mil paizes
Um peqneo quarto d'ella.

O dono d'aquillo ali
E' grande proprietario,
E trata o capitalista
Como trata o proletario
Ali não ha orgulhoso
Ladrão vil nem usurario.

Ali não se vê escravo
Nem um é de outro senhor,

As fortunas são iguaes,
Tudo tem uma só côr,
E para o dono d'ali
Dinheiro não tem valor.

João via por sonho
Um clarão que appareceu,
Viu ali chegar um pobre
E n'uma porta bateu
Um monarcha lhe dizia :
Chega-te a mim filho meu.

Quando o rei abriu a porta
João olhando para dentro
Viu um corêto sublime,
Que ficava bem no centro,
Disse no sonho eu atheu !
Ali já vê que não entro.

Ouvia tocar uma opera
Por uma musica que havia
Era um toque tão sublime
Que até o vento sorria,
Só se via ali belleza
Riso, praser, alegria.

Viu passar uma mulher
Com um magestoso manto,
Tudo ali se levantava
E entoavam n'um canto

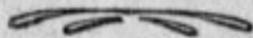
Dizendo : Salve oh ! esposa
Do divino Espirito Santo.

Disse a mulher eu agora
Preciso me retirar
Esse sonho é um exemplo
Para quem quizer tomar,
Quem vê o que você vio
Não pode mais se enganar.

Ahi despertou do sonho
Por lhe baterem na porta,
Era o empregado d'elle
Que trabalhava na horta,
Dizendo : patrão acorde
Sua mãe acha-se morta.

Elle ahi se ergueu da cama
Ainda muito suado
Olhando para o relógio
Duas horas tinham dado
Já encontrou o pae d'elle
Em grande pranto banhado.

*Continuará na Visão de
Antonio Silvino.*



8095

O autor reserva o direito de pro-
priedade

(LGB)